

Trabalhando com o hipertexto - caminhos de leitura da obra de Ricoeur

RESUMO: O presente trabalho relata uma experiência com estudantes do Mestrado em Educação de uma Instituição de caráter Comunitário, situada em Canoas. O problema se configurava no contexto de como despertar o interesse para o conhecimento filosófico de mestrandos(as), pertencentes à linha de pesquisa Culturas, Linguagens e Tecnologias na Educação, sem formação em Filosofia, a articularem seus interesses de pesquisa com o pensamento de Paul Ricoeur, filósofo francês do século XX. O trabalho deste filósofo pode ser considerado hipertextual, devido aos muitos problemas que ele abordou, e pelo fato de ser possível entender a essência de seu pensamento a partir de qualquer obra que se estudasse. Uma das estudantes da área de tecnologia da informação auxiliou-nos a construir um site interativo que se propunha a ser hipertextual, integrando muitos recursos e possibilidades de leituras postados no mesmo. Os resultados foram positivos visto que todos os estudantes postaram suas contribuições e alguns se dispuseram a escrever artigos sobre os assuntos postados.

Palavras chave: Hipertexto. Comunicação. Híbridismo. Aprendizagem.

Rosa Maria Filippozzi Martini
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Universidade La Salle
filippozzi.rosa@gmail.com

Elaine Conte
Universidade La Salle
elaine.conte@unilasalle.edu.br

Patrícia Prochnow
Instituto Federal do Rio Grande do Sul
patricia.prochnow@osorio.ifrs.edu.br

Introdução e problematização da construção hipertextual

O presente trabalho narra uma experiência realizada em uma disciplina do Mestrado em Educação de uma instituição universitária comunitária, na linha de pesquisa Culturas, Linguagens e Tecnologias na Educação, trabalhando com alguns levantamentos realizados pelo Núcleo de Estudos sobre Tecnologias na Educação (NETE/CNPq). Foi oferecido pela linha um Seminário Temático intitulado Comunicação, Narrativa, Texto e Hipertexto. A proposta era motivar os(as) mestrandos(as) a ler e compreender alguns pontos da filosofia de Ricoeur, associada a diversos objetos virtuais, tais como cinema, textos, narrativas de experiências profissionais e realizar a imersão e uso de um hipertexto, o qual eles foram convidados a construir de forma cooperativa.

Partindo de um diálogo hipertextual, Santaella (2010) comenta a ideia de Serres (1994) sobre a visão metafórica das placas, que são como camadas profundas na história da cultura, que se movem com uma lentidão infinita, mas, por sua vez, acabam explicando e compreendendo as mudanças descontínuas nas rupturas sensíveis que ocorrem na superfície. A autora afirma que há seis formações culturais, oral, escrita, impressa, massiva, midiática e ciber. Essas modalidades, segundo a autora, nessa metáfora de placas, localizadas em diversos níveis de profundidade antropológica,

continuam a agir perceptível ou imperceptivelmente, compondo a hiperdensidade e a complexidade cultural do presente.

Na tentativa de evidenciar e nomear estes movimentos mesclados e experimentados recentemente pela educação, identifica-se que o humanismo heideggeriano do homem como ser no mundo, como existir prático no mundo, foi ampliado para uma nova ontologia que inclui o virtual. (SANTAELLA, 2010) Por meio dessa verificação, Sloterdijk (2011) comenta o humanismo heideggeriano e evidencia claramente a dificuldade deste filósofo em aceitar o ser humano como um animal. Um animal cujo caráter paradoxal pode ser traçado na história da espécie humana, como neotenia, como uma incompletude e uma necessidade de contínuo desenvolvimento. A autora recorre a uma metáfora de bolhas, nas quais todos os espaços humanos aparecem como reminiscências do abrigo original da primeira esfera humana, o feto-útero, brutalmente rompido com o nascimento, reencenado pela díade mãe-filho, formação esférica, cheia de sons e ressonâncias, espaço protetor contra a impotência do *infans*, mas que oportuniza a relação eu-outro e o desenvolvimento da linguagem.

A era pós-humana em que vivemos começou a se desenhar desde a Segunda Guerra Mundial. (SANTAELLA, 2010) O que se apresenta, no momento atual, é um turbo capitalismo globalizado, cujas características são menos governo, mais tecnologia e mobilidade, erradicação das fronteiras nacionais, que produz mais eficiência relacionada ao ajustamento democrático (geralmente silencioso, regido pelo mutismo) e mais desigualdades sociais e de renda. Santaella (2010) posiciona-se na defesa de que as ciências da complexidade estão estudando os fenômenos físicos como complexos processos físico-químicos e biológicos, que se estreitam a ponto de se tocarem. Diante de tudo isso, emerge uma nova ontologia e epistemologia fluídas, capazes de integrar processos epistemológicos que conectam o físico, o biológico, o social e o cultural. Sendo assim, Sloterdijk (2011) afirma que as biotecnologias e nanotecnologias alimentam por sua natureza um sujeito refinado, cooperativo e inclinado a brincar consigo mesmo, ou seja, o homem do mundo contemporâneo, dito pós-moderno, opera com uma razão cínica que não se crê de posse de nenhuma verdade e é capaz de rir de si mesmo e de seus objetos e inventos culturais.

Embora Sloterdijk não use o termo pós-humano, postula que a primeira tecnologia, instalada em nosso corpo – a fala, envolve

uma integração indissolúvel entre mente e corpo. (SANTAELLA, 2010) As mídias foram se armazenando na memória humana para fora do corpo, em ações como o desenho, escultura, escrita, pintura, impressão em crescente expansão, na produção de signos, por meio da proliferação de mídias técnicas e tecnológicas, desde a revolução eletrônica e computacional, até o presente estágio atual da comunicação móvel. Está presente também a ideia de que o olho e o intelecto cooperam, mas não são nada sem a mão, que aparece como dimensão de apropriação dos saberes socioculturais.

Nesse universo cultural, Santaella (2010, p. 56) nos fala de uma “semiosfera” que está em processo contínuo de expansão que foi da fala, estimada em torno de 300 mil anos, até o crescimento mais complexo e híbrido da idade de uma pós-revolução digital que está trazendo consigo novas figuras da razão. A fala, por um lado, é autorreferente, pois precisa apenas do corpo para ser gerada, mas, por outro lado, sofre de uma fragilidade decorrente tanto da emissão, que evanesce a partir de sua emissão e do próprio cérebro orgânico (um fantástico meio de armazenamento e memória do dizer e do discurso alheio), mas que é precário, porque é mortal. A reação a essa fragilidade fez a espécie humana buscar constantemente novos meios de produção de linguagem, no fluxo de tais acontecimentos, que advém do passado.

Paul Ricoeur (1983, p. 80), ao insistir em trabalhar com o texto, é enfático na confirmação dessa necessidade humana de perenizar-se por meio de seus escritos, imagens pictóricas, fotográficas, esculturas, atos poéticos, enfim, tudo o que pode marcar e entender os traços do humano nessa semiosfera. Por isso, faremos no estudo que segue a exposição de como essa discussão pode colaborar para desencadear novas aprendizagens hipertextuais e o desenvolvimento de novos sentidos de uma cultura evolutiva, produzida na confrontação de múltiplos níveis de significação em rede e no contexto intenso do saber dialógico enquanto devir textual, para as distintas áreas do conhecimento filosófico-educacional.

Nessa perspectiva, Santaella (2010) caracteriza o hipertexto como hipermídia que armazena as diversas formas de informação e, por meio da interação com o usuário, transmuta-se em incontáveis versões virtuais. Elas vão brotando na medida das intervenções dos coautores, num espaço não sequencial e multidimensional, dando suporte às infinitas opções do autor e leitor imersivo. O

hipertexto é fruto das oportunidades abertas pelo computador, constitui-se como um texto não linear composto por fragmentos textuais conectados, que vão compondo campos conceituais por meio de links, acionados pelos usuários, à medida em que seguem as pistas informacionais, clicando em ícones de navegação.

Nesse mesmo horizonte de discussão, percebe-se a importância das tecnologias midiáticas que passaram por um processo de hibridação, por meio da qual as diversas técnicas aparentemente incompatíveis passaram a se combinar constituindo uma verdadeira ecologia midiática. (SANTAELLA, 2010) Diante de tudo isso, aumenta as possibilidades de aventurar-se no mundo (virtual ou atual) de interação e educação. O maior problema é garantir o acesso a esses recursos e possibilitar aos professores uma gestão dos processos de aprendizagem com significado, ou seja, que os estudantes aprendam a buscar permanentemente conhecimentos de si e do mundo, encontrando soluções fomentadoras do interesse aprendente por esses meios.

Trata-se de uma experiência do ilimitado, da ilusão que está em todo lugar: seja como ideal de verdade das velhas ou novas tecnologias, como técnicas ontoteleológicas, seja como fim da ilusão (simulacros despotencializados), seja como potência de fabulação (vontade de potência). Só nos resta escolher como nos colocamos diante desse cenário de abertura a uma nova era de produção de conhecimento colaborativo (disposto nas redes), que oportunizam mixagens hipertextuais complexas. (PARENTE, 1999, p. 25) Para artistas, filósofos e cientistas o que conta é a emergência da imaginação num mundo dominado pela razão, qualquer que seja ela, científica e tecnológica, social, econômica e filosófica. Os campos científico e tecnológico, social e econômico não são apenas domínio da razão, mas também espaços de produção, de agenciamentos múltiplos, capazes de liberar as forças da imaginação e da vida. (PARENTE, 1999)

O desafio hipertextual é entender como se apropriar com sensibilidade, nas narrativas individuais, de uma formação voltada para a sensibilização de espaços dinâmicos da escrita coletiva, aprendente e voltada à criação de novas maneiras de conhecer enquanto realidade discursiva da cultura da interface. (JOHNSON, 1997) Podemos constatar que Parente, assim como Ricoeur, valoriza a imaginação como força vital e produtiva, capaz de fazer emergir o novo e de modificá-lo. A generalidade e a universalidade do juízo

de gosto em Kant, afinam-se com o poder de expressividade das mídias, na medida em que a sensibilidade as intui como formas sensíveis e inteligíveis por coincidirem com um sentido geral e universal de intuição da beleza. (GODINHO, 2015)

Segundo Agamben (2015), o que une os homens é a visão da linguagem, enquanto perspectiva ontológica que nos faz entes voltados para ela e, por meio desse visar a própria linguagem, poder articulá-la com diversas formas de expressão, numa virtual conjugação de entes tecnológicos híbridos, cuja condição de possibilidade é a visão da linguagem como algo virtual. Agamben (2015) oferece uma profunda interpretação para pensar até que ponto somos virtualmente linguagem, sujeitos capazes de opor resistência aos discursos de exclusão (individual ou coletiva), pois o diálogo inclusivo não funciona sem o componente da resistência, sem o contraditório da linguagem na práxis humana da ação. A constituição do sujeito é dialógica e mediada com o outro e com o mundo, na infindável inter-relação social, cujos sentidos não encontram plenitude em ou por si, mas em processos e interconexões mediante trocas argumentativas.

Para efeito deste trabalho, ciberespaço é um termo mais adequado que internet por ser mais amplo e permitir todos os tipos de entrada na rede virtual, permitindo assim todo o tipo de tráfego e deslocamento em que se trocam informações. (SANTAELLA, 2010) Além disso, no ciberespaço torna-se possível produzir outras tantas experiências a partir de diferentes criações humanas, artísticas, literárias, históricas, científicas e filosóficas, e mesmo negócios, que permitem trocas dinâmicas no espaço virtual e comunicam algo que toca a sensibilidade. É um processo cíclico, que abrange momentos de confrontação, lutas e desafios de elaboração próprios e coletivos, que Manovich (2008) chama de hibridação midiática.

Conforme busca-se mostrar neste texto, as características do momento atual vão muito além das classificações modernidade, pós-modernidade, o que se experimenta é uma consumação, em que um conjunto complexo de experiências, sejam elas religiosas, econômicas, culturais, científicas e tecnológicas, e até mesmo afetivas, configuram uma arte de viver que aceita o mundo como ele é. (MAFFESOLI, 2010) Logicamente, a complementação desse processo não busca mais nada de absoluto, mas pequenas liberdades intersticiais, relativas e vividas no dia a dia, na qual os recursos do ciberespaço desempenham um papel fundamental, na

(1) Site hipertextoricoeur, disponível em: <<https://sites.google.com/site/hipertextoricoeur/>>. Acesso em: 10 ago. 2016.

(2) O filme permite repensar a educação diante do fracasso da formação humanística diante do capitalismo, que reifica o sujeito em nome do lucro e gera barbáries coletivas. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=fZhaZdCqrHg>>. Acesso em: 10 ago. 2016.

medida em que podem proporcionar a ilusão de uma possibilidade infinita de acesso a todo o tipo de experiência. Por isso, o objetivo do trabalho é repensar a experiência educativa, a partir de literaturas que testemunham e analisam as experimentações do hipertexto, tendo em vista o contexto recente de implementação da proposta, mobilizando reflexões em torno de uma perspectiva virtual de formação cultural humanística.

Metodologia de trabalho

Tendo em vista o exposto, cabe assinalar que uma das mestrandas participantes da experiência, técnica de informática, criou o site que convencionamos chamar de hipertextoricoeur.¹ Neste site, a professora responsável pelo Seminário lançou um texto escrito por ela sobre a filosofia de Ricoeur, acentuando a diversidade de temas abordados por Ricoeur, no sentido de demonstrar a característica hipertextual de seu pensamento, convidando os estudantes a experimentarem esse efeito de sentido da obra de Ricoeur. Foi postado também um trabalho de Parente (1999) sobre hipertexto e o filme de Sergio Bianchi (2005), “Quanto vale e é por Quilo”,² cujas características também são hipertextuais, visto que o filme trabalha com registros fotográficos, retirados do Arquivo Histórico Nacional, abordando a atualidade e sua relação com nosso passado cultural de mentalidade escravocrata.

Durante as discussões do Seminário, os participantes da pesquisa (mestrandos/as) foram também convidados a fazer a leitura do capítulo III, do volume I da obra de Ricoeur (1983), *Tempo e narrativa*. Partindo dessas bases, o filósofo comprova que é a capacidade de narrar que torna a percepção do tempo como uma característica existencial do homem e da historicidade humana. Neste capítulo, Ricoeur evidencia e nos faz experimentar, com a fenomenologia das três *mímesis*, como a narrativa é uma característica humana. A *mimesis I* se resume na capacidade humana de perceber a mediação simbólica de uma ação e sua possibilidade de organizá-la enquanto uma estrutura simbólica temporal, na qual se faz coincidir a ordem prática com a ordem sintagmática. A *mimesis II* considera a percepção uma característica temporal da narrativa, por meio da qual podemos falar de histórias que nos acontecem e, desta forma, de histórias de vida.

Poderíamos afirmar com Ricoeur (1983), que a *mimesis* II implica num princípio de concordância discordante em que nossa imaginação produtiva organiza um relato a partir da sedimentação das ações por nós vivenciadas. A *mimesis* III configura a intersecção do mundo do texto com seu auditório, é o momento da refiguração que marca a entrada da narrativa no campo da referência, entre uma pessoa ou um auditório, que acompanham estas ações narradas e escritas. O debate sobre as *mimesis* nos conduziu a revigorar com Ricoeur que as três *mimesis* se caracterizam como prefiguração (*mimesis I*), como configuração (*mimesis II*) e como refiguração (*mimesis III*).

Todos esses recursos foram postados no site *hipertextoricoeur* como espaço de disposição de recursos e de (re)criação coletiva. Os estudantes foram convidados a postar suas contribuições (autorais ou em coautorias) no site e isso foi feito de forma colaborativa e imersiva, pois todos tinham acesso a todos os conteúdos do site e dialogavam entre eles, e com a professora presencialmente e virtualmente. Os resultados foram analisados por meio de análise de discurso de Pêcheux. Segundo este autor, quando caracterizamos uma formação discursiva precisamos mencionar e evidenciar que:

a noção de formação discursiva (FD) começa a fazer explodir a noção de máquina estrutural fechada na medida em que o dispositivo da FD está em relação paradoxal com seu "exterior": uma FD não é um espaço estruturalmente fechado, pois é constitutivamente "invadido" por elementos que vêm de outro lugar (isto é, de outras FD) que se repetem nela, fornecendo-lhe suas evidências discursivas fundamentais. (PÊCHEUX, 1990, p. 314)

Este recorte sobre a formação discursiva leva em conta que o sentido discursivo nunca é homogêneo ou pleno de significação, visto que é um processo legitimado socialmente na contradição atravessada pelo discurso do outro (de dizer o não-dito). No caso do *hipertextoricoeur*, o espaço da FD era a hipermídia, pois foram usados diversos recursos que habitavam o espaço hipertextual, para o qual todos estavam convidados a colaborar. A construção do *corpus* foi realizada com as contribuições dos sujeitos no espaço do *hipertextoricoeur*. Para proteger a privacidade dos autores foi atribuída uma letra do alfabeto para cada um dos participantes do estudo. A análise de discurso busca as contribuições feitas num

dado momento histórico e revela ideologias que, muitas vezes, se chocam, conforme a visão de mundo dos sujeitos. Do mesmo modo, a construção do *corpus* de análise se constituiu pelas postagens feitas pelos participantes no espaço virtual do hipertexto.

Análise de discurso das contribuições

A confluência de três campos de conhecimentos – a língua, a história e a ideologia – referentes à Análise de Discurso (AD) pêncheuxtiana estão sendo utilizadas para interpretação dos dados, pois se conectam aos interesses, às práticas discursivas heterogêneas e aos objetivos de ação dos participantes, que percebem uma carência de entendimento mútuo, sendo preciso compreender os efeitos de sentido produzidos nos discursos dos interlocutores para suprir as lacunas interpretativas e hipertextuais moventes. Muitos desses discursos são demonstrativos do testemunho e das dificuldades dos sujeitos de vivenciar e reconstruir conhecimentos em nossa cultura hipertextual, manifestando-se como um sintoma de uma cultura do excesso de informações e das resistências enfrentadas na elaboração de sínteses hipertextuais.

Ao lado dessas questões, trazemos as contribuições dos discursos de modo global, focados em diferentes perspectivas epistemológicas e correlações experienciais, que representam uma tônica caracterizadora da linguagem e da cultura educacional. Esta caracterização se dá na participação e aceitação de compartilhar conhecimentos e ensinamentos na interpelação reconhecida nos impulsos linguístico-expressivos, movimentados e tecidos com o outro no processo educativo. Acompanhe as trajetórias discursivas dos que desfrutaram da experiência hipertextual. É preciso destacar que as categorias de análise do discurso não foram construídas *a priori*, mas emergiram dos próprios atos de discurso, enquanto eram elaborados pelos sujeitos em interação midiática.

O **sujeito A** destacou o significado estético do cinema e fotografia em seus deslocamentos espaço-temporais. Apontou a fotografia como registro social. Em sua virtualidade tecnológica, o filme de Bianchi revela caminhos por diferentes espaços e tempos, expressando relações de poder, jogos políticos, denúncias, ameaças e manipulação dos mais fracos. As imagens não mais representam o real, mas o simulam. Foi destacada também a questão da memória e da valorização da família na fotografia do casamento, mesmo

na periferia. O sujeito A ressaltou as diferentes linguagens da arte, relacionando com a apreciação literária feita por Ricoeur, na questão da *mimesis*.

O **sujeito B** acentuou a importância do registro histórico. Criticou o positivismo da historiografia. Sublinhou a importância da história cultural, mencionada por Ricoeur e a relação entre memória e história. Enfatizou que Ricoeur afirmou a impossibilidade de abarcar toda a história assinalando sua incompletude.

O **sujeito C** acentuou a importância da educação inclusiva e o papel das tecnologias neste espaço. Referiu-se à tecnologia assistiva como suporte para a aprendizagem. Acentuou a importância de uma Pedagogia que compreenda a interação humana, valorizando o outro em sua possibilidade de expressão. Manifestou-se em relação aos novos paradigmas de informação e comunicação sublinhando a importância da acessibilidade para os que mais precisam de estimulação.

O **sujeito D** acentuou mais a análise de Ricoeur em Tempo e Narrativa, destacando a importância das três *mímeses*. Relacionou essa questão com o filme de Bianchi, assinalando que a forma não linear da narrativa do filme lembra o hipertexto. Valorizou a importância da aprendizagem realizada pela imersão em um objeto virtual de aprendizagem. Destacou também a oportunidade de poder narrar sua experiência.

O **sujeito E** sublinhou a importância da narrativa para a formação da identidade. Comentou a visibilidade da crítica social feita pelo filme de Bianchi em que a fotografia tem um efeito documental.

O **sujeito F** comentou a forma documental do filme de Bianchi com o sentido de expor a lógica perversa do capitalismo. Trabalhou a questão da identidade narrativa como encontro entre história e ficção. Este encontro se dá por caminhos não lineares, como o hipertexto. Acentuou a questão dos clichês que capturam e ameaçam o senso crítico, apresentando verdades preestabelecidas e idênticas para todos (ilusão de homogeneidade).

O **sujeito G** integrou o virtual, com o conceito de narrativa de Ricoeur, e o filme de Bianchi, destacando as tecnologias como o hipertexto, enquanto espaços virtuais para o registro de experiências. Destacou a interação entre o coletivo e o individual que aparece nas postagens das contribuições. Acentuou o caráter

(3) Trailer do filme *Beleza Americana* (1999) realizado por Sam Mendes. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=iEuozsZWak>>. Acesso em: 10 ago. 2016.

de ação e participação nos espaços digitais que são espaços de diálogo e interpretação.

Os **sujeitos H; I; J** não se interessaram pelo filme de Bianchi, preferindo comentar o filme *Beleza Americana*,³ como um libelo ao consumismo da sociedade americana ultraliberal. Na tentativa de abordar a gênese desse problema, manifestaram a superficialidade e a porosidade que levou ao paradoxo mercadológico (ou o indivíduo aceita a cultura do entretenimento, renunciando a si mesmo – se aliena e embrutece, ou se torna insociável e excluído), na medida em que essa mentalidade é mimetizada no mundo inteiro, massificando a maioria que tem algum acesso ao consumo. Estabeleceram relações com a narrativa de uma experiência ocorrida em uma escola de periferia onde um dos sujeitos atuava, e destacaram a importância da narrativa das crianças no espaço virtual de aprendizagem.

Sentidos encontrados nas postagens e que resultaram em novas compreensões e análises

Todos os sujeitos estabeleceram diferentes relações com o espaço virtual do hipertexto e exprimem em seus discursos uma memória social, sempre (re)atualizada e dinamizada nos saberes construídos pelos sujeitos, para dar sentido aos novos desdobramentos e reformulações coletivas. Na perspectiva discursiva da AD, a linguagem é portadora de sentido quando inscrita e materializada na história e na memória do dizer (circulante do inconsciente e de fatores sócio-históricos), indo além do conteúdo traduzido do texto (PÊCHEUX, 1990). Segundo Pêcheux (2002, p. 22), no “jogo metafórico em torno do enunciado” se entremeiam os efeitos metafóricos, que são fenômenos semânticos de deslizamento de sentido, produzidos por uma substituição contextual, resultando em equívocos na produção de sentidos do próprio acontecimento (discurso novo e complexo). Por isso, a memória do dizer na AD remete a um outro discurso (ou interdiscursividade), pois “deve ser entendida aqui não no sentido psicologista da memória individual, mas nos sentidos entrecruzados da memória mítica, da memória social inscrita em práticas, e da memória construída do historiador”. (PÊCHEUX, 1999, p. 50)

Os sentidos discursivos atribuem novos significados às práticas coletivas dos participantes da pesquisa. Conforme evidenciamos

nas trajetórias discursivas deste trabalho com o hipertexto, os sentidos mais frequentes foram o estético-expressivo, o narrativo relacionado com ficção e identidade; o sentido temporal como produção da história no encontro das identidades com o tempo; o sentido de crítica ao capitalismo brasileiro, que manipula e explora as pessoas; o sentido de interatividade oportunizado pelas mídias; sentido de aceitação e valorização das diferenças, com relação aos portadores de deficiências; o sentido da importância das tecnologias para a educação; o sentido hipertextual, pois cada um adotou seu próprio caminho formativo no espaço virtual do hipertexto, por meio de atitudes, textos ou memória discursiva; o sentido de participação, cooperação, diálogo e interpretação nos espaços digitais atravessados e habitados pelos outros. Trabalhar com o hipertexto na perspectiva discursiva implica em vivenciar conflitos e descentrar as tecnologias no cenário educativo das mudanças profissionais e formativas, de acordo com as percepções e demandas existentes, afinal,

Educar é substantivamente formar. Divinizar ou diabolizar a tecnologia ou a ciência é uma forma altamente negativa e perigosa de pensar errado. [...] pensar certo, pelo contrário, demanda profundidade e não superficialidade na compreensão e na interpretação dos fatos [e acontecimentos discursivos do ser histórico]. (FREIRE, 1996, p. 33)

Há que se observar, no entanto, que a crítica não avançou muito profundamente, pois incorreu numa contradição, ao afirmar, por exemplo, a fotografia com sentido de família, apesar de ser na periferia, o que revela preconceito. Na concepção de Pêcheux (1990), o discurso é capaz de produzir equívocos e tem uma relação com a ideologia (reguladora de sentidos), dentro do contexto de materialização histórica, com as memórias sociais e dinâmicas da sociedade. Também, a análise do filme *Beleza Americana* não chegou a aprofundar a extensão em que o estímulo ao consumismo da sociedade ultraliberal americana influencia quase que todo o mundo ocidental e até mesmo o oriental. Apareceu também a ênfase em tecnologia assistiva o que revela no próprio conceito alguém que por ter deficiência precisa de assistência, sendo vitimado pelos efeitos da deficiência (esquecendo-se da condição humana). Isso é real, mas poderia ser substituído, por exemplo, pela palavra cuidado. Embora tenha se observado um esforço de crítica

das ideologias e da necessidade de um saber alicerçado no âmbito comunicativo da intersubjetividade da compreensão (contexto hipertextual), não houve possibilidade, talvez devido ao tempo, para um maior aprofundamento crítico destes conhecimentos em articulação com as bases teóricas.

As categorias que emergiram não foram construções dadas *a priori*, mas resultaram do esforço de análise e compreensão dos textos produzidos, de forma cooperativa.

- Uma tentativa de crítica da ideologia, presente nos objetos culturais criados de forma colaborativa.

- Um exercício de compreensão da temporalidade ricoeuriana, no sentido de compreensão da historicidade do ser humano em constante interação com o mundo social e cultural.

- Uma possibilidade de construção de uma ação hipertextual híbrida pelo uso compreensivo do hipertexto não apenas como recurso didático, mas histórico e cultural.

Conclusões

Trabalhar com hipertexto mobilizou a percepção sensível e a imaginação, criando resultados muito positivos para outras possibilidades de representação e abertura de mundos, visto que este espaço permitiu participação, cooperação e aprendizagem social, pois todos postaram suas contribuições. Houve também a possibilidade de todos serem sujeitos aprendentes, ocorrendo questionamentos em diferentes situações e provocando nossos sentidos e emoções, principalmente a própria professora, que experimentava uma nova forma de ensinar e aprender em rede de associações. Complexas.

Nesse horizonte de reflexão, Ricoeur (1983) demonstrou que o significado é algo importante que se pode retirar do mundo do texto e que apela para nossa possibilidade de compreensão e de nossa vocação hermenêutica, baseada no entendimento comum. O ser humano, sendo um ser que fala, necessita também registrar sua experiência de diversas formas, e o fez ao longo da história da cultura de forma a preservar os diversos sentidos que produz. A produção de sentido se amplia cada vez mais, na medida em que aumentam via ciência e tecnologia as possibilidades de registro. Os registros se multiplicam no tempo e no espaço, com a possibilidade da criação de espaços virtuais como o hipertexto, que armazenam

vários recursos que podem ampliar as perspectivas culturais e de comunicação.

Garantir uma alfabetização digital, que estimule a compreensão de significados e oportunize a possibilidade de melhorar o poder de expressão, pela imersão no espaço virtual e suas alternativas e recursos, poderá gerar mais compreensão do mundo e busca de um significado mais original para as experiências, com todo o tipo de linguagem. Essa experiência não pretende acrescentar mais tarefas aos professores, mas aproximá-los dos técnicos de informática com sensibilidade pedagógica, inclusive para exigir melhores condições dos meios digitais para que possam se movimentar mais livremente e criativamente nesse mundo, agora povoado e aberto a uma ontologia cibernética.

Para concluir, mencionamos algumas colocações de Nelson de Luca Pretto (2008) sobre a questão da cultura digital. Num texto de 2008, ele comentava que já possuímos uma Lei Geral de Telecomunicações, que propõe um Fundo de Universalização de Acesso. Portanto, temos condições legais de ter internet gratuita e com acessibilidade forte, mas essa discussão não é prioritária no Congresso. Desta forma, mesmo que conseguíssemos internet grátis, colocar computador, recursos multimídia nas escolas, sem modificar a forma como se ensina e como se aprende seria um equívoco. A educação via recursos virtuais precisa compreender que o cerne do problema é a interatividade. Precisamos entender a possibilidade dessa interatividade, via internet, como uma forma de transformar a educação, de maneira que estudantes e professores se tornem aprendentes imersivos, passando assim de consumidores de informações para produtores de cultura e conhecimento. E isso só faz sentido se produzirmos e compartilharmos objetos híbridos de aprendizagem, em um esforço ativo de interpretações críticas diante da manipulação de significações estabilizadas e das transformações do sentido. Portanto, é por meio de um questionamento discursivo sobre a sociedade heterogênea e os modos de conhecimento educacional, em interação social, histórica e ideológica, que emerge do hipertexto novas transformações de época.

Working with the hypertext - reading ways of Ricoeur work

ABSTRACT: This paper develops a special narrative of an experience with graduated students of a communitarian institution. Our problem was attached with the context of how to motivate the students of a research group linked to Cultures, Languages and Technologies in Education with the approach of the French Philosopher Paul Ricoeur. The work of this philosopher of the XX century could be considered as hypertextual because Ricoeur developed many issues and his work could be comprehend through any one approach that could be choose from his great work. One of my students was an expert in informational technologies. She aids me to construct an hypertextual object of learning. Many resources was posted on this virtual object of learning. The results were very positive because all the students did their contribution to the hypertext and some of them wrote papers in order to be published.

Key words: Hypertext. Communication. Hybridism. Learning.

Referências

- AGAMBEN, Giorgio. *A potência do pensamento*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 31. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GODINHO, Ana Gil. Da comunicabilidade do juízo estético. *Educação Temática Digital*, Campinas, v. 17, n. 2, p. 341-354, maio/ago. 2015.
- JOHNSON, Steven. *Cultura da Interface*. Como o computador transforma nossa maneira de criar e comunicar. Trad. Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.
- MAFESOLI, Michel. *O conhecimento comum*. Introdução à sociologia compreensiva. Porto Alegre: Sulina, 2010.
- MANOVICH, Lev. *El lenguaje de los nuevos medios de comunicación: la imagen en la era digital*. Argentina: Paidós, 2006.
- MARTINI, Rosa Maria F. *Hipertexto Ricoeur*. 2014. Disponível em: <<https://sites.google.com/site/hipertextoricoeur/>>. Acesso em: 10 ago. 2016.
- PARENTE, André. *O virtual e o hipertextual*. Rio de Janeiro: Pazulin, 1999.
- PÊCHEUX, Michel. Lecture et mémoire: projet de recherche. In: MALDINIÉ, Denise (Org.). *L'inquietude du discours – textes de MicPhel Pêcheux*. Paris: Éditions des Cendres, 1990.
- PÊCHEUX, Michel. Papel da memória. In: PÊCHEUX, Michel et al. (Org.). *Papel da memória*. Trad. José Horta Nunes. Campinas: Pontes, 1999, p. 49-57.

PÊCHEUX, Michel. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Trad. Eni P. Orlandi. 3. ed. Campinas: Pontes, 2002.

PRETTO, Nelson de Luca. *Escritos sobre educação, comunicação e cultura*. São Paulo: Papyrus, 2008.

RICOEUR, Paul. *Temps et Récit*. Paris: Éditions du Seuil, 1983. Tome 1.

SANTAELLA, Lucia. *A ecologia pluralista da comunicação*. São Paulo: Paulus, 2010.

SLOTERDIJK, Peter. *Sin salvación*. Tras las huellas de Heidegger. Madrid: Ediciones Akal, 2011.

Submissão: 10/08/2016 Aceito: 24/01/2017